

Praça Willie Davids – Londrina (PR): espaço como memória

Lorraine Oliveira Nunez*

Resumo: O trabalho aqui desenvolvido visou estudar a história da praça Willie Davids, no intuito de apontar a sua dinâmica urbana, entendendo-a como “Lugar de Memória”, segundo definição de Pierre Nora. “O Coração de Londrina”, como já foi conhecida, está localizada no centro comercial e financeiro da cidade e marca a trajetória histórica de Londrina (PR), apresentando-se como um dos espaços que sustentam seus significados. Além disso, recebeu este nome e um monumento como forma de homenagear um ex-prefeito da cidade. Para entender o “lugar” que o logradouro público ocupa na memória e no planejamento arquitetônico de Londrina, além de frequentá-la, usamos de variados documentos, como fotografias antigas, noticiário de jornais e revistas, mapas, pesquisas acadêmicas e memórias.

Palavras-chave: Praça. Memória. Monumentos.

Abstract: The work here was to study the history of Willie Davids Square, to highlight its urban dynamics, understanding it as a place of memory as defined by Pierre Nora. The heart of Londrina was known as the Square is located in the commercial and financial city, and marks the historical trajectory of Londrina, presenting itself as one of the spaces that support their meanings. It was also named as a monument and a tribute to a former mayor of the city. To understand the place that occupies a square in memory and in the architectural planning of Londrina, in addition to frequent the square, which had used various documents such as old photographs, newspapers and news magazines, maps, scholarly research, memoirs.

Key-words: Square. Memory. Monuments.

Este projeto tem a finalidade de investigar os conflitos, debates e atos que transformaram a praça Willie Davids num lugar de discussão da memória e da história da cidade de Londrina, Paraná. Com o estudo e a análise do largo, é possível apreender tanto os

* Graduada em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) em 2009 e especialista em Patrimônio Cultural na Contemporaneidade pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). E-mail: <lozinha62@gmail.com>. Essa pesquisa foi apresentada inicialmente como trabalho de conclusão de curso, orientada pelo Prof. Dr. Rogério Ivano. E-mail: <hiwano@sercomtel.com.br>.

sentidos produzidos pela sociedade local em relação ao ex-prefeito Willie Davids, que deu o nome ao espaço, quanto o processo de engendramento de uma memória acerca de Londrina.

As homenagens aos homens públicos representam um conceito da época em que a população não estava alheia aos acontecimentos do resto do país e do mundo, permitindo que a sociedade local inventasse suas representações, negociando-as com diferentes grupos sociais.

Para desenvolver este estudo, além de frequentar a praça, usamos de variados documentos, como fotografias antigas, noticiário de jornais e revistas, mapas, pesquisas acadêmicas, memórias. São as memórias e as histórias que se entrecruzam, que transitam e visitam o determinado espaço urbano, tornando-a simbolicamente um lugar de conflito.

A caracterização mais corrente da memória é como mecanismo de registro e retenção, depósito de informação, conhecimento, experiências. Segundo Jacques Le Goff, a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas.¹ Em primeiro momento, a memória aparece como algo concreto, definido, cuja produção e acabamento realizaram-se no passado e que cumpre transportar para o presente o que corre o risco de ser desgastado, esquecido e ocultado.

Lo que más preocupa es no recordar, no retener en la memoria. En lo individual y en el plano de la interacción cotidiana, el enigma de por qué olvidamos un nombre o una cita, o la cantidad y variedad de recuerdos “inútiles” o de memorias que nos asaltan fuera de lugar o de tiempo, nos acompaña permanentemente. ! Ni qué hablar de los temores a la pérdida de memoria ligada a la vejez. ! En el plano grupal o comunitario, o aun social, o nacional, los enigmas no son menos. La pregunta sobre cómo se recuerda o se olvida surge de la ansiedad y aun la angustia que genera la posibilidad del olvido. En el mundo occidental contemporáneo, el olvido es temido, su presencia amenaza la identidad.²

Outra apreensão da relação da memória à história é a equivalência da memória à imaginação. Na opinião de Paul Ricoeur:

Atribuída à noção da “experiência interior”, a memória na tradição filosófica conotou, desde os tempos remotos, a idéia mesmo de imaginação. A memória visaria, nesse sentido, o passado construído e transmitido por imagens e representações. Dessa percepção de uma memória influenciada pelo imaginário resultaria. Segundo Ricoeur, a vulnerabilidade mesma desse

¹ SILVA, Maciel (Org.). *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 1995, p. 14.

² JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madrid/Buenos Aires: Siglo XXI de España Editores/Siglo XXI de Argentina Editores, 2001, p. 2.

conceito. Em outras palavras, a memória, visando unicamente à interioridade, torna-se objeto de dúvidas e suspeitas.³

Para teóricos como Pierre Nora e Maurice Halbwachs, há inclusive uma nítida distinção entre memória e história.

Nora os opõe radicalmente. Para ele:

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido, no eterno presente; a história, uma representação do passado [...]. A história, porque operação intelectual e laicizante demandam análise e discurso crítico. A memória emerge de um grupo que ela une o que quer dizer, como Halbwachs fez que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é por natureza múltipla e desacelerada coletiva, plural e individualizada [...]. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo.⁴

A memória seria a memória viva, voluntária, espontânea, característica das sociedades-memória, em que a atitude de lembrar é constante, local onde a memória coletiva se confunde com a História e o mito. Já a história seria a memória revisada, o conhecimento histórico atribuído a um grupo seletivo da sociedade que possui o ofício de guardião da história.

“Eso es todo?” pergunta Pierre Vidal-Naquet.⁵ A memória se limita a contar o passo da história? A história teria o papel da exatidão, de clarear o melhor possível o passado, revelar suas formas, de pôr ordem, porém, o mesmo autor diz que falta uma crítica por parte dos historiadores, muitos deles crentes de que a História dá conta naturalmente da verdade. Le Goff concorda sobre o possível desvio do historiador no que tange a crítica aos documentos/monumentos, objetos da memória coletiva e da história, e nos alerta sobre a aparente crítica aos documentos, resultado da revolução documental.⁶

A História, em muitos casos, se constrói com traços da memória:

Como Mnemosina; Clío puede ser arbitraria, selectiva, plural, olvidadiza, falible, caprichosa, interpretativa de los hechos que se esfuerza por sacar a la luz y comprender. Como Ella, puede recomponer el pasado a partir de “pedazos elegidos”, volverse una apuesta, ser objeto de luchas e servir a

³ RICOEUR apud SILVA, Helenice. “Rememoração”/Comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002, p. 427.

⁴ NORA, Pierre. Entre memória e História. A problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 9.

⁵ VIDAL-NAQUET, Pierre. Memoria e história. In: VIDAL-NAQUET, Pierre. *Los juicios, la memoria y el presente*. Fundo de Cultura Econômica, 1996.

⁶ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996, p. 100.

estratégias de determinados partidários. Finalmente, la historia puede em um objeto histórico.⁷

A memória e a história tornaram-se objetos centrais de estudo para os historiadores que tentam compreender a relação das pessoas com os monumentos. Resta, no entanto, saber como se opera essa articulação entre a história dos historiadores e a memória dos testemunhos que aparentemente parecem antagônicas.

Cristina Freire⁸ diz que “inerente às elaborações do imaginário e aos processos de representação social, a memória é categoria fundamental ao estudarmos a relação das pessoas com os monumentos da cidade”, o que inclui pensar sobre o “presentismo”.⁹

Como observa Ulpiano T. Bezerra de Menezes, não é do passado que parte a memória, “a elaboração da memória se dá no presente e para responder as solicitações do presente”.¹⁰ A memória é uma construção dinâmica, ditada por aqueles que a constroem no cotidiano de suas vidas. Finalizando, a memória para Menezes, “É filha do presente, mas como seu objeto é a mudança, se lhe faltar o referencial do passado, o presente permanece incompreensível e o futuro escapa a qualquer projeto.”¹¹

É do presente que se recebe incentivo para se rememorar; “a interrogación sobre el pasado es un proceso subjetivo; es siempre activo y construído socialmente, en diálogo e interacción”.¹² Menezes coloca isso ao analisar um “objeto-portador-de-sentido”, que fabricado e manipulado em outro tempo e tornando-se imerso no presente, pode até inverter totalmente o seu valor original.

Através das obras de Maurice Halbwachs, o autor cria a noção de memória coletiva como conceito explicativo de fenômenos sociais em relação com a memória.

A memória não seria apenas individual; nos estudos de Halbwachs ela é, também e, sobretudo, uma construção social e um fenômeno coletivo. É a idéia da memória coletiva, numa subjetiva interação com os quadros sociais (linguagem, tempo e o espaço), que se propõe o tratamento da memória como fenômeno social. A atitude de lembrar é sempre ativa e construída socialmente, em diálogo e interação. Jelin e Candau parecem concordar que não existem “indivíduos aislados” ou “hombre desnudo” que não leve com si o peso da sociedade

⁷ JOEL, Candau. *Antropologia de la memoria*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002, p. 2.

⁸ FREIRE, Cristina. *Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo*. São Paulo: Anna Blume/Sesc, 1997.

⁹ HARTOG, François. Temporality and patrimony. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, jul./dez., 2006, p. 261-273.

¹⁰ MENEZES, Ulpiano. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 34, 1992, p. 10.

¹¹ MENEZES, op. cit., 1992, p. 10.

¹² JELIN, op. cit., 2001, p. 9.

a que pertence, que não receba, através dos quadros sociais, uma orientação do grupo para construir sua narrativa de visão de mundo. Isto implica dizer que há a presença do social mesmo nos momentos mais “individuais”.¹³

Ao formular questões sobre a memória, acaba-se por formular a dicotomia “História e Memória”, em que a primeira estaria situada no âmbito da crítica, de uma problemática, conceitos, e a segunda situada no campo das experiências, do afeto, permitindo pensar as condições da produção da lembrança e do esquecimento, os mecanismos do seu enraizamento, os indivíduos e grupos que em interações que, sempre dinâmicas, fazem usos sociais da história, do passado e do presente.

Praça Willie Davids, lugar de memória

O acesso à história de uma cidade pode ser feito através da sua imagem, em que é permitido utilizar o imaginário, desconstruir e construir, nas relações dinâmicas do cotidiano, os movimentos da sociedade. Esta imagem é construída não somente com o que se vê ou se compreende do espaço físico, mas, também, com as lembranças e significações particulares e/ou de grupos presentes nos espaços e, neste caso, a praça Willie Davids. O trabalho, nesta primeira parte, apresentará as suas características e a sua história, entendendo este espaço público como um lugar de memória e de representação de um tipo de ordem cultural que legitima certo tipo de memória histórica e poder simbólico.

A praça Willie Davids, localizada no centro comercial e financeiro da cidade marca a trajetória histórica de Londrina, apresentando-se como um dos espaços que sustentam seus significados. Essa significação é possível pelo próprio momento de construção dela, e que será detalhada mais adiante. Localizada entre a avenida Paraná e as ruas Maranhão, Minas Gerais e Santa Catarina, é ornamentada com um busto em homenagem a Willie Davids, dois marcos simbólicos (“Aqui tem História”¹⁴ e “Corretor de Imóveis”), pontos de ônibus, lixeiras, telefones públicos, quiosques, floreiras, luminárias, bancos e uma vegetação variada. O nome atual foi dado em 1944, como uma homenagem ao ex-diretor técnico da extinta Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP) e ex-prefeito da cidade, Willie da Fonseca Brabazon Davids.

¹³ JELIN, op. cit., 2001, p. 4.

¹⁴ Neste caso, uma placa em bronze com o relevo de uma imagem, acrescida dos dizeres “Aqui funcionou a Segunda Rodoviária de Londrina com início em 1937. Ponto de chegada e de partida dos pioneiros. As rodoviárias desempenham papel importante na história do município.”

Para entender o lugar que o espaço ocupa na memória e no planejamento arquitetônico de Londrina, é necessário buscar informações em estudos e fontes que tratam das mudanças históricas ocorridas no município. De acordo com Humberto Yamaki no livro “Iconografias Londrinenses”¹⁵ – onde são analisados mapas de Londrina de 1930 a 1950 –, o primeiro projeto do sítio urbano londrinense data do início daquela década:

O traçado de Londrina apresenta malha regular, que tem no centro uma elipse tangenciada pela avenida, que, por sua vez, projeta-se em diagonal pelo espigão. No centro da elipse, no ponto mais alto, localiza-se a Catedral, margeada por quadras e espaços livres. Alguns referem-se à elipse como grão de café.¹⁶

O projeto inicial do centro urbano era constituído por aproximadamente 85 quadras, prevendo o uso de alguns espaços públicos, como a igreja matriz, a estação ferroviária, o cemitério, escolas e jardins, hospitais e os prédios administrativos e de poderes (Prefeitura, Fórum, etc.). Portanto, de acordo com a “Planta Azul”¹⁷ assinada pelo engenheiro geodesta Alexandre Razgulaeff¹⁸, pode-se afirmar que, no plano inicial de Londrina, não havia referências a praças, não havia praças.¹⁹

O traçado das praças evidencia-se mais na “Planta de Londrina”, de autoria da Prefeitura Municipal que, segundo Yamaki²⁰, trata-se de uma planta do início da cidade, registrada originalmente como sendo de 1938, redesenhada em 1961.

Portanto, o espaço Willie Davids é uma das “sobras”²¹ do ajuste da elipse central da malha ortogonal. Ela localiza-se na parte direita, ao sul da elipse, e ocupa uma área de aproximadamente 1500 m².

¹⁵ YAMAKI, H. *Iconografia londrinense: mapas iniciais 1930-1950*. Londrina: Humanidades, 2003.

¹⁶ YAMAKI, op. cit., 2003, p. 11.

¹⁷ PANCHONI, M. E. *O caráter de espaços históricos: avaliação das Praças de Londrina Pr*. Mestrado em Geografia e Meio Ambiente e Desenvolvimento. Universidade Estadual de Londrina, 2007, p. 39.

¹⁸ Segundo Yamaki, Razgulaeff fora formado em 1914 pelo Instituto de Geodésia Constantino de Moscou. Após ter participado da Guerra de 1914, chegou ao Brasil em 1921. Inicialmente, trabalhou na medição de terras para a Cia. Marcondes de Colonização, na região da Sorocabana-SP. Em seguida, nos projetos de loteamentos de bairros na capital [paulista] e construção de uma estrada para Santos, via Santo Amaro, antes de ser finalmente contratado pela Companhia de Terras Norte do Paraná, em 1929. YAMAKI, Humberto. *Labirintos da memória: paisagens de Londrina*. Londrina: Midiograf, 2006.

¹⁹ YAMAKI, H. *Iconografia Londrinense: mapas iniciais 1930-1950*. Londrina: Humanidades, 2003, p. 15.

²⁰ YAMAKI, op. cit., 2003, p. 22.

²¹ YAMAKI, op. cit., 2003, p. 11.

Imagem 1. Elipse do quadrilátero central.

Na margem direita, ao sul da elipse, a praça Willie Davids.



Fonte: Registro feito por satélite.

Foto registrada no dia 13 de Novembro de 2009, às 10 horas.

O local, antes da denominação atual, já foi considerado “o coração de Londrina”²² pois abrigava em seu entorno as edificações urbanas mais significativas, como o escritório da CTNP, a segunda estação rodoviária, associação comercial, etc. Tornou-se um importante centro comercial, mantendo essa característica até os dias atuais. Hoje, a praça é considerada um prolongamento do calçadão, obra executada nos anos 1970, pelo arquiteto e urbanista, Jaime Lerner²³, que se tornaria, no futuro, prefeito de Curitiba e governador do Paraná.

No século XX²⁴, uma das tendências da praça moderna é a preocupação com o espaço verde; são poucos os espaços livres públicos que não fazem uso da vegetação e, dependendo da localização essas irão adquirir várias e distintas funções; “em áreas centrais, a praça é alternativa naturalista para a amenização das condições climáticas da qualidade do ar e insolação”.

E ainda:

[...] O adensamento da cidade leva a uma conseqüente diminuição da quantidade de espaços livres entranhados na malha urbana, valorizando ainda mais os remanescentes. Os espaços livres, principalmente os informais, como várzeas, campos e arrabaldes, passam a ser ocupados por edificações. Nessa etapa, o espaço livre público e urbano torna-se uma das opções de área de lazer existentes na cidade. Os parques e praças públicas

²² CORAÇÃO DE LONDRINA. *Jornal A pioneira, Londrina*. [S.I.: s.n.], 1948, p. 1.

²³ VIANI, Mário et al. “*Praças de Londrina*”. Londrina, 2002. Cd-Rom.

²⁴ Com as influências artísticas da França e da Inglaterra e o processo de modernização, cria-se no Brasil uma típica linha de projetos da arquitetura paisagística brasileira denominada *eclétismo*.

passam a ser utilizados para tal fim, ainda que dedicados exclusivamente a atividades contemplativas.²⁵

No “quadrilátero central” (assim denominado pelo planejamento da CTNP), algumas áreas foram reservadas para estes fins, tais como o Bosque e as atuais praças. Segundo uma pesquisa quantitativa feita em 2005 por Sidney Bertho²⁶, há na praça Willie Davids 42 unidades de árvores, sendo elas: Canela, Cássia-Rosa, Grevílea, Ipê, Palmeiras, Reseda, Sibipiruna e Tipuana.

Sob o pedestal e plataforma de granito do busto esculpido em bronze estão gravados os dizeres “Homenagem de Londrina a seu grande benfeitor Dr. Willie da Fonseca Brabazon Davids”. Mas quem será este Willie Davids? Que importância ele teve ou tem para esta cidade? Por que ele tem um monumento em sua homenagem?

Somente a partir de 1944, após a morte de Willie Davids, o local passa a ser denominado “Praça Willie Davids”. É a memória desse personagem da cidade e os conflitos em torno dela que transformaram a praça num “lugar de memória”, isto é, lugar onde há vontade de memória, lugar em que o tempo e a mudança já se perpetuaram e, a partir do momento em que não há mais memória, a história se encarrega de manter a celebração, a tradição. “Os lugares de memória são, antes de tudo, restos²⁷”. É ali, nos “lugares de memória”, que as memórias individuais e coletivas se encontram num eterno diálogo, é no dia a dia que as memórias são formadas, pois

[...] a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas formações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações.²⁸

E que, portanto:

Sem vigilância comemorativa, a história depressa as varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas, se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de constituí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que elas envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los, eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais

²⁵ ROBBA, Fábio et al. *Praças brasileiras*. 2. ed. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003, p. 32.

²⁶ BERTHO, Sidney. *As praças na cidade de Londrina*. Um breve levantamento quantitativo e qualitativo. Londrina, 2005, p. 31.

²⁷ NORA, op. cit., 1993, p. 12.

²⁸ NORA, op. cit., 1993, p. 9.

inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas na praia, quando o mar se retira da memória viva.²⁹

Como as biografias oficiais, os aspectos materiais, simbólicos e funcionais interagem para produzir e perpetuar a memória do indivíduo? Quais são e como são construídos os marcos biográficos do indivíduo pela coletividade? Como ele se transforma num monumento? Em 1983, no centenário de nascimento de Willie Davids, uma exposição fotográfica no Museu Histórico de Londrina tratou de lembrar e homenagear o ex-prefeito. Coincidentemente, comemorou-se também o cinquentenário da emancipação política da cidade. Naquele momento, a memória de Willie Davids teve um lugar privilegiado na lembrança local: numa solenidade que contou com familiares, autoridades locais, civis e militares, seu busto foi lavado sob a leitura de poemas, hinos e discursos, conforme o memorial conservado no Museu Histórico.

Histórico da Praça Willie Davids e seus usos contemporâneos

Antes de ser batizada, a praça já existia, conforme uma notícia de jornal³⁰ intitulada “Um Grande Ato de Justiça: Homenagem a dois vultos da formação de Londrina”, de 6 de agosto de 1944. Aquele local, além de formar um espaço verde (espaço que já estava nos planos imobiliários da CTNP), seria escolhido para, nos dizeres do referido jornal, homenagear Willie Davids.³¹

A iniciativa de dar o nome em homenagem a Willie Davids partiu da prefeitura. Naquele ano, quem estava no cargo de prefeito era Aquiles Pimpão Ferreira, segundo prefeito nomeado pela interventoria do Estado Novo; o predecessor foi Miguel Blasi.³² A iniciativa para a confecção do busto teria partido de uma reunião na Associação Comercial de Londrina. Como relata Ana Cleide Cesário na sua tese de doutorado³³, Pimpão era conhecido em

²⁹ NORA, op. cit., 1993, p. 13.

³⁰ Homenagem de Londrina a seu grande benfeitor Dr. Willie da Fonseca Brabazon Davids. [S.I.: s.n.], 1944.

³¹ O outro “vulto” homenageado é o médico Gabriel Martins, morto em 1943; hoje dá nome a uma praça ao lado da Catedral e a um colégio estadual em Londrina.

³² Cabe aqui um comentário sobre o contexto deste fato: quando o presidente Getúlio Vargas, com o apoio das Forças Armadas e de muitos governadores, deu o golpe de Estado e outorgou ao Brasil a Carta Constitucional que instituiu o Estado Novo, os governadores passaram a ser nomeados – e não mais eleitos –, chamados de Interventores. Nessa conjuntura, são dissolvidas as câmaras legislativas e destituídos os prefeitos. Em 1940, abriu-se um período em que governaram Londrina nove prefeitos nomeados pelo Interventor do Estado Manoel Ribas. NETO, José. *O Eldorado: representações da política em Londrina, 1930, 1975*. Londrina: EDUEL, 2008, p. 64.

³³ CESARIO, Ana Cleide. *Poder e partidos em uma cidade média brasileira: um estudo do poder local: Londrina 1934-1979*. Tese de doutorado apresentada ao departamento de Ciências Sociais da FFLCH-USP, São Paulo, 1986.

Londrina pelos seus métodos de controle e punição aplicados aos contraventores, no período em que esteve encarregado da segurança como Delegado regional. Sua administração em Londrina foi dar seguimento às propostas da gestão anterior, além disso, iniciou a ampliação do ensino público, a construção do matadouro e da Praça Willie Davids.

A Associação Comercial de Londrina (ACIL), pelo menos até o fim do Estado Novo, foi o canal de expressão política dos grupos dominantes locais – a burguesia rural, comerciantes e mesmo profissionais liberais (médicos e advogados).³⁴ Isso ocorreu porque, no começo dos anos 1940, as medidas do governo central – como a estatização de empresas de capital estrangeiro – vão começar a pôr fim ao monopólio exercido pelo CTNP, que até então era o local em que as pessoas se reportavam para resolver pequenos conflitos do dia a dia.

Uma foto exposta no Museu Histórico de Londrina, datada de 23 de junho de 1945, atesta que o engenheiro civil e responsável técnico pela obra da Praça foi Osmar Bergonse, e o responsável pela construção foi Eduardo Garcia Dias. Os traçados originais dos jardins da praça incorporavam um tridente ou *patte d'oie*³⁵ e algumas características diferentes apresentadas atualmente e que podem ser notadas a partir da análise comparativa entre duas imagens, uma tirada na década de 1940, que se encontra no acervo do Museu Histórico de Londrina, e outra de 2005 (arquivo pessoal).

A primeira foto registra canteiros com e sem flores, árvores, pinheiros, os “bancos-bola” (bancos de concreto maciço, pés esféricos e aparência robusta), postes ornamentais. O piso apresenta uma geometria em ondas e, nele, talvez escrito com giz, uma referência a um candidato do PTB para prefeitura. Nota-se que a praça era bem cuidada.

A matéria na revista “A Pioneira”, de autor desconhecido, recorda os usos já feitos pela população no local:

As casas de madeira, pequeninas e acanhadas, nascidas com a cidade, cederam lugar aos novos e modernos edifícios de concreto com vários andares. Praça Willie Davids, coração de Londrina! Ali se encontram corretores de terra, compradores de cereais, café, lavradores, agentes de grandes companhias e, enquanto sorvem o líquido escuro, cujo sabor franqueia ao Brasil, todos os mercados do mundo realizam seus negócios.³⁶

³⁴ NETO, op. cit., 2008, p. 64.

³⁵ “O *patte d'oie* é uma linguagem urbana clássica, constituída de um triângulo formado por três eixos radiais. Tem sua origem no século XVIII, na *Piazza del Popolo*, em Roma, e na *Place des Armes*, em *Versailles*” YAMAKI, HUMBERTO. *Labirintos da memória: paisagens de Londrina*. Londrina: Midiograf, 2006, p. 8.

³⁶ CORAÇÃO DE LONDRINA. *Jornal A pioneira, Londrina*. [S.I.: s.n.], 1948, p. 1.

Imagem 2. Praça Willie Davids, década de 1940.



Fonte: Museu Histórico Pe. Carlos Weiss, Londrina.

A Lei de Criação da Praça é a Lei nº 0216 de 18 de dezembro de 1953.³⁷ Ela denomina e delimita algumas avenidas, praças, ruas e travessas da cidade. Primeiramente, são delimitadas e denominadas as ruas, avenidas e travessas, separando-as por bairros. Depois, é a vez das praças, onde se inclui a Praça Willie Davids. O documento registra os limites da Praça e dá seu nome oficial:

Art. 1º – Os logradouros públicos – avenidas, ruas, praças e travessas, oficialmente reconhecidos e integrantes da área urbana do distrito da sede do Município Londrina, passam a ter as seguintes denominações e limites: [...] PRAÇAS [...] Praça Willie Davids.

Delimitações: A praça com o mesmo nome, delimitada pelos eixos das atuais ruas Maranhão, Minas Gerais e Avenida Paraná.³⁸

Portanto, a praça denominada Willie Davids (W.D) já existia antes mesmo da Lei de Criação de Praças.

Na segunda foto, dá-se um novo sentido à praça.

³⁷ ALMEIDA, Gladstone. *Guia Geral de Londrina (Indicador Histórico e Comercial)*. Londrina. [s.n.], 1954.

³⁸ LONDRINA (Município). Lei municipal 216/53, p. 01 e 19, 18/12/1953. Câmara Municipal de Londrina.

Imagem 3. Praça Willie Davids, 2005.



Fonte: Acervo pessoal.

Por meio de imagens fotográficas realizadas pela autora no período da sua pesquisa (2005-2009) é possível discutir as novas apropriações a partir do conjunto dos bens urbanos presentes em seu espaço e compreender as dimensões simbólicas e coletivas estabelecidas entre as pessoas e os bens culturais.

A primeira série de imagens apresenta a sua característica mais marcante: *local de passagem* – como nas imagens 4, 5 e 6:

Imagem 4.



Imagem 5.



Imagem 6.



Mesmo uma cidade de porte médio, como Londrina, vê seus habitantes mergulhados no cotidiano de suas vidas e pouco tempo concede ao exercício de um olhar apurado para a paisagem da cidade e, por conseguinte, para os monumentos. O trabalho de Merks Germano³⁹ foi feito na Praça da Sé, no centro de São Paulo, com o objetivo de mapear os pontos turísticos do local. Mas o que se percebeu foi que, apesar de haver vários monumentos importantes na praça, as pessoas não se relacionam, sequer percebem a existência deles. A praça nada mais é que um lugar de passagem, que liga o ponto de origem ao ponto de destino dos transeuntes. As praças perderam muito da sua característica de locais públicos, nos quais as pessoas convivem e podem estabelecer relações sociais. O mesmo se pode dizer em relação à do Willie Davids. Por exemplo, na foto atual, ela já não possuía mais bancos. O tridente

³⁹ GERMANO, Merks. *A Praça da Sé: olhares sobre o futuro, a partir do seu passado e presente*. Monografia. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes/Universidade de São Paulo, 2001.

permanece, talvez como único remanescente do projeto original, que apenas facilita a travessia das pessoas de um lado ao outro da praça.

Os transeuntes utilizam esse espaço de forma apressada. Outros, por sua vez, o utilizam para um descanso rápido num dos poucos bancos espalhados pela praça ou para aproveitar a sombra das enormes árvores ali existentes. O banco já não é o “banco-bola”, característica que marcou a área por um tempo. A foto mostra um banco de ferro, no mínimo, desconfortável e carente de preservação e manutenção.

O centro do tridente também dá acesso a atividades de *cultura e lazer*, como registradas nas imagens 7 e 8:

Imagem 7.



Imagem 8.



O entorno atrai público cujo interesse principal é esquecer as atribuições e tarefas diárias em troca de um momento de descontração e despreocupação. As atividades de lazer mais perceptíveis são as compras. Na área que circunda a praça, funcionam shoppings, sebos, lojas de departamento, lanches rápidos e o Cine Teatro Ouro Verde. Durante o Festival Internacional de Teatro (FILO), realizado todo ano em Londrina, o calçadão próximo é convertido em palco de atrações teatrais de rua, que atrai um grande público.

Outra característica marcante do local é a existência de *trabalho formal e informal*, como nas imagens 9 e 10:

Imagem 9.



Imagem 10.



Há um intenso comércio de ambulantes no entorno. Artesãos, “hippies”, músicos, propagandistas de lojas, vendedores de carnês e de bilhetes de loteria e outros usam aquela área central como local de trabalho. Durante esta pesquisa, foi detectada a existência de

comércio ilegal de produtos piratas e de outras atividades provisórias. Havia também ambulantes procedentes de outras praças que, naquele momento, passavam por reformas.

O trabalho rotineiro exercido no lugar promove um sentimento de pertença no relacionamento entre o trabalhador e a praça, mesmo assim insuficiente para o trabalhador do local perceber a intensidade simbólica da história da praça.

Michel Rodrigo Ramos, 18 anos, trabalha como garçom em um dos bares localizados na praça. Sua relação com o local é cotidiana. A sua rotina de trabalho das 8 horas da manhã às 4 horas da tarde não deixa espaço e nem desperta nele o interesse em conhecer a história do homenageado por aquele monumento. Este e outros entrevistados informais nunca tinham lido os escritos que identificam o busto. Porém, revelaram preocupação com a manutenção e segurança do local. Cobraram, do Poder Público local, respostas ao abandono do centro. Os equipamentos públicos, representados nos elementos de apoio à circulação e serviços (pontos de ônibus, lixeiras, telefones públicos e banheiros – imagens 11 e 12) são alvos de reclamação permanente dos moradores, transeuntes e frequentadores daquela área.

Imagem 11.



Imagem 12.



Através das experiências obtidas durante a pesquisa de campo, pode-se ter mais contato com o objeto de estudo que, nesse caso, são as relações sociais entre a sociedade de Londrina e seus bens culturais. Pichações, palavras e desenhos ofensivos, falta de iluminação, vandalismo, drogas, a população de pombas (imagens 13, 14 e 15) convivem diariamente no espaço da praça, demonstrando um certo tipo de relação contemporânea de pessoas ou grupos sociais com o patrimônio da cidade, isto é, com sua memória.

A Prefeitura do Município de Londrina tem o seu papel na preservação da memória. Ela encaminhou à Câmara Municipal o Projeto de Lei de Preservação do Patrimônio Cultural de Londrina, coordenado em 2003 pelo arquiteto Humberto Yamaki, cujo objetivo era inventariar as relações da comunidade londrinense com seu patrimônio cultural para detectar o universo memorial contido no imaginário da população de Londrina.

Imagem 13.



Imagem 14.



Imagem 15.



A coleta de informações, tanto junto ao público da cidade quanto ao conhecimento da história dos homenageados em praças, ruas e avenidas, foi feita mediante a aplicação de entrevistas com perguntas direcionadas. O resultado das entrevistas indicou que, no que tange às praças, apesar do desuso pela população, dentre as 25 citadas, os espaços localizados na área central ainda mantêm forte presença na memória. A Praça Willie Davids foi a quarta mais lembrada, junto com o Bosque, seguidas das praças Rocha Pombo, Floriano Peixoto e 7 de Setembro. Porém, o busto de Willie Davids localizado no mesmo local não foi lembrado.

Os órgãos públicos, por sua vez, estão encarregados de preservar todo bem público, sem exceção. Pressupõe-se que não poderá cuidar melhor de um, em detrimento dos demais.

O dever de preservar a memória, tal como foi construído, também vem acompanhado de atitudes de mudanças no formato original, em favor do modernismo ou da funcionalidade. A avenida Paraná em Londrina é um exemplo de intervenção. O sucesso do calçadão da Avenida XV de Novembro, via central de Curitiba, despertou nas autoridades de Londrina o desejo de fazer o mesmo na principal rua do centro da cidade. Daí, pelas mãos do mesmo arquiteto e urbanista de Curitiba, Jaime Lerner, nasceu em 1977, o Calçadão de Londrina, inicialmente no trecho entre a rua Professor João Cândido e a Praça Willie Davids.

Comparando as duas fotos (imagens 2 e 3), é facilmente observável muitas mudanças e algumas permanências. Um olhar sobre as praças, distantes no tempo, revela, por exemplo, que não restou nenhuma edificação da década de 1940; todavia, a praça não deixou de conservar sua vocação comercial.

Referências

- ALMEIDA, Gladstone. *Guia Geral de Londrina (Indicador Histórico e Comercial)*. Londrina. [s.n.], 1954.
- BERTHO, Sidney. *As praças na cidade de Londrina*. Um breve levantamento quantitativo e qualitativo. Londrina, 2005.
- CESARIO, Ana Cleide. *Poder e partidos em uma cidade média brasileira: um estudo do poder local: Londrina 1934-1979*. Tese de doutorado apresentada ao departamento de Ciências Sociais da FFLCH-USP, São Paulo, 1986.
- CORAÇÃO DE LONDRINA. *Jornal A pioneira, Londrina*. [S.I.: s.n.], 1948.
- FREIRE, Cristina. *Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo*. São Paulo: Anna Blume/Sesc, 1997.
- GERMANO, Merks. *A Praça da Sé: olhares sobre o futuro, a partir do seu passado e presente*. Monografia. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes/Universidade de São Paulo, 2001.
- HARTOG, François. *Temporality and patrimony*. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, jul./dez. 2006.
- Homenagem de Londrina a seu grande benfeitor Dr. Willie da Fonseca Brabazon Davids. [S.I.: s.n.], 1944.
- JELIN, Elizabeth. *Los trabajo de la memoria*. Madrid/Buenos Aires: Siglo XXI de España Editores/Siglo XXI de Argentina Editores, 2001.
- JOEL, Candau. *Antropologia de la memoria*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996.
- LONDRINA (Município). Lei municipal 216/53, p. 01 e 19, 18/12/1953. Câmara Municipal de Londrina.
- MENEZES, Ulpiano. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 34, 1992.
- NETO, José. *O Eldorado: representações da política em Londrina, 1930, 1975*. Londrina: EDUEL, 2008.
- NORA, Pierre. Entre memória e História. A problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, dez. 1993.
- PANCHONI, M. E. *O caráter de espaços históricos: avaliação das Praças de Londrina Pr*. Mestrado em Geografia e Meio Ambiente e Desenvolvimento. Universidade Estadual de Londrina, 2007.

RICOEUR apud SILVA, Helenice. “Rememoração”/Comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002.

ROBBA, Fábio et al. *Praças brasileiras*. 2. ed. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

SILVA, Maciel (Org.). *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 1995.

VIANI, Mário et al. “*Praças de Londrina*”. Londrina, 2002. Cd-Rom.

VIDAL-NAQUET, Pierre. Memória e história. In: VIDAL-NAQUET, Pierre. *Los judíos, la memoria y el presente*. Fundo de Cultura Econômica, 1996.

YAMAKI, Humberto. *Iconografia londrinense: mapas iniciais 1930-1950*. Londrina: Humanidades, 2003.

_____. *Labirintos da memória: paisagens de Londrina*. Londrina: Midiograf, 2006.

Recebido em março de 2011; aprovado em junho de 2011.